

MITO DE PROMETEU E PANDORA

1. Hesíodo, *Teogonia* (trad. Jaa Torrano)

Quando discerniam Deuses e homens mortais (535)
em Mecona, com ânimo atento dividindo [Prometeu] ofertou

grande boi, a trapacear o espírito de Zeus:

aqui pôs carnes e gordas vísceras com a banha

sobre a pele e cobriu-as com o ventre do boi,

ali os alvos ossos do boi com dolosa arte (540)

dispôs e cobriu-os com a brilhante banha.

Disse-lhe o pai dos homens e dos Deuses:

“Filho de Jápeto, insigne dentre todos os reis,

ó doce, dividiste as partes zeloso de um só!”.

Assim falou a zombar Zeus de imperecíveis desígnios. (545)

E disse-lhe Prometeu de curvo pensar

sorrindo leve, não esqueceu a dolosa arte:

“Zeus, o de maior glória e poder dos Deuses perenes,

toma qual dos dois nas entranhas te exorta o ânimo”.

Falou por astúcia. Zeus de imperecíveis desígnios (550)

soube, não ignorou a astúcia: nas entranhas previu

males que aos homens mortais deviam cumprir-se.

Com as duas mãos ergueu a alva gordura,

raivou nas entranhas, o rancor veio ao seu ânimo,

quando viu alvos ossos do boi sob dolosa arte. (555)

Por isso aos imortais sobre a terra a grei humana

queima os alvos ossos em altares turiais.

E colérico disse-lhe Zeus agrega-nuvens:

“Filho de Jápeto, o mais hábil em desígnios,

ó doce, ainda não esqueceste a dolosa arte!” (560)

Assim falou irado Zeus de imperecíveis desígnios,

depois sempre deste ardil lembrado

negou nos freixos a força do fogo infatigável

aos homens mortais que sobre a terra habitam.

Porém o enganou o bravo filho de Jápeto:
furtou o brilho longevivo do infatigável fogo
em oca férula; mordeu fundo o ânimo
a Zeus tonítruo e enraivou seu coração
ver entre homens o brilho longevivo do fogo.
E criou já ao invés do fogo um mal aos homens: (570)
plasmou-o da terra o ínclito Pés-tortos
como virgem pudente, por desígnios do Cronida;
cingiu e adornou-a a Deusa Atena de olhos glaucos
com vestes alvas, compôs um véu laborioso
descendo-lhe da cabeça, prodígio aos olhos, (575)
ao redor coroas de flores novas da relva
sedutoras lhe pôs na fronte Palas Atena
e ao redor da cabeça pôs uma coroa de ouro,
quem a fabricou: o ínclito Pés-tortos
lavrando-a nas mãos, agradando a Zeus pai, (580)
e muitos labores nela gravou, prodígio aos olhos,
das feras que a terra e o mar nutrem muitas
ele pôs muitas ali (esplendia muita a graça)
prodigiosas iguais às que vivas têm voz.
Após ter criado belo o mal em vez de um bem (585)
levou-a lá onde eram outros Deuses e homens
adornada pela dos olhos glaucos e do pai forte.
O espanto reteve Deuses imortais e homens mortais
ao virem íngreme incombatiável ardil aos homens.
Dela descende a geração das femininas mulheres. (590)
Dela é a funesta geração e grei das mulheres,
grande pena que habita entre homens mortais,
parceiras não da penúria cruel, porém do luxo.
Tal quando na colmeia recoberta abelhas
nutrem zangões, emparelhados no malefício, (595)
elas todo o dia até o mergulho do sol

diurnas fadigam-se e fazem os brancos favos,
eles ficam no abrigo do enxame à espera
e amontoam no seu ventre o esforço alheio,
assim um mal igual fez aos homens mortais (600)
Zeus tonítruo: as mulheres, parelhas de obras
ásperas, e em vez de um bem deu oposto mal.
Quem fugindo a núpcias e a obrigações com mulheres
não quer casar-se, atinge a velhice funesta
sem quem o segure: não de víveres carente (605)
vive, mas ao morrer dividem-lhe as posses
parentes longes. A quem vem o destino de núpcias
e cabe cuidadosa esposa concorde consigo,
para este desde cedo ao bem contrapesa o mal
constante. E quem acolhe uma de raça perversa (610)
vive com uma aflição sem fim nas entranhas,
no ânimo, no coração, e incurável é o mal.
Não se pode furtar nem superar o espírito de Zeus
pois nem o filho de Jápeto o benéfico Prometeu
escapou-lhe à pesada cólera, mas sob coerção (615)
apesar de multissábio a grande cadeia o retém.

2. Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias* (trad. Alexandre Rolim de Moura)

É que os deuses mantêm escondido dos humanos o sustento.
Pois senão trabalharias fácil, e só um dia,
e, mesmo ocioso, terias o bastante para o ano.
Logo colocarias o timão sobre a lareira, (45)
os trabalhos dos bois e das mulas incansáveis desapareceriam.
Mas Zeus escondeu-o, encolerizado em seu coração,
porque o enganara Prometeu de curvo pensar.
Por isso maquinou amargos cuidados para os humanos,
e escondeu o fogo. Por sua vez, o bom filho de Jápeto (50)
roubou-o do sábio Zeus para dá-lo aos humanos

numa fêrula oca, passando despercebido a Zeus a quem alegre o trovão.

Encolerizado, disse-lhe Zeus que ajunta nuvens:

“Filho de Jápeto, mais que todos fértil em planos,

alegras-te de ter roubado o fogo e enganado minha inteligência, (55)

o que será uma grande desgraça para ti próprio e para os homens futuros.

Para compensar o fogo lhes darei um mal, com o qual todos

se encantarão em seu espírito, abraçando amorosamente seu próprio mal.”

Assim falou, e riu alto o pai de homens e deuses.

Então ordenou ao ilustre Hefesto que o mais rápido possível (60)

misturasse terra com água e ali infundisse fala e força humanas,

e que moldasse, de face semelhante à das deusas imortais,

uma forma bela e amável de donzela; depois ordenou a Atena

que lhe ensinasse trabalhos, a tecer uma urdidura cheia de arte;

a Afrodite dourada, que lhe espargisse a cabeça com graça, (65)

penoso desejo e inquietação que devora os membros.

Que nela colocasse uma mente desavergonhada e um caráter fingido,

ordenou a Hermes mensageiro, o matador do monstro Argos.

Assim falou, e eles obedeceram a Zeus soberano, filho de Crono.

Logo o célebre deus coxo moldou-a da terra, (70)

à semelhança de uma virgem respeitável, seguindo a vontade do filho de Crono;

deu-lhe um cinto e enfeitou-a a deusa Atena de olhos brilhantes;

as deusas Graças e augusta Persuasão

envolveram seu corpo com joias douradas;

as Horas de belas cabeleiras coroaram-na com flores primaveris; (75)

Palas Atena ajeitou no seu corpo todo o ornamento.

Então, o mensageiro matador de Argos fez em seu peito

mentiras, palavras sedutoras e um caráter fingido,

por vontade de Zeus que grave troveja;

assim o arauto dos deuses nela colocou linguagem, e chamou essa mulher (80)

Pandora, porque todos os que têm moradas olímpias

deram essa dádiva, desgraça para os homens que vivem de pão.

Depois, quando completou o irresistível profundo engano,

o Pai enviou a Epimeteu o célebre matador de Argos,
o rápido emissário dos deuses, levando o presente. E Epimeteu não (85)
pensou no que lhe dissera Prometeu: nunca um presente
aceitar de Zeus olímpio, mas mandar
de volta, para que não venha a ser um mal para os mortais.
Mas ele, depois de o receber, bem quando tinha o mal, compreendeu.
Antes, de fato, as tribos dos humanos viviam sobre a terra (90)
sem contato com males, com o difícil trabalho
ou com penosas doenças que aos homens dão mortes.
{Rapidamente em meio à maldade envelhecem os mortais.}
Mas a mulher, removendo com as mãos a grande tampa de um jarro,
espalhou-os, e preparou amargos cuidados para os humanos. (95)
Sozinha ali ficava a Antecipação, na indestrutível morada,
dentro, abaixo da boca do jarro, e para fora não
voou. Pois antes baixou a tampa do jarro
por vontade de Zeus que ajunta nuvens, o detentor da égide.
Mas outras incontáveis tristezas vagam entre os homens. (100)
Na verdade, a terra está cheia de males, cheio o mar;
doenças para os humanos, algumas de dia, outras à noite,
por conta própria vêm e vão sem cessar, males aos mortais levando
em silêncio, já que privou-as de voz Zeus sábio.
Assim, de modo algum pode-se escapar à inteligência de Zeus. (105)